

REPORTAGEM

Sofridos, destroçados, os Karajá e Javaé da Ilha do Bananal ainda procuram conservar a qualquer custo seu orgulho nacional. Entretanto, suas dificuldades talvez sejam ainda maiores que as da maioria dos outros povos indígenas do Brasil. São décadas acumuladas de amedrontamento (inclusive pelas armas), paternalismo assistencialista e interferências desagregadoras, de todo tipo, em sua organização tribal, impostas ou com a convivência de órgãos oficiais ou missionários, inclusive a Força Aérea Brasileira. Recentemente, os coronéis da FUNAI voltaram a submeter o trabalho indigenista junto àquele povo aos caprichos de certas autoridades da FAB, que aliás, são cúmplices das agressões que vêm sendo perpetradas aos Karajá.

Safari de militares nas terras dos Karajá.

"Eu cachorro de Funai, não; eu, cachorro de FAB", diz vez por outro, arranhando seu complicado português, o velho Joaquim, um dos poucos Karajá de Santa Isabel do Morro (Hawalo, que pronuncia-se "Ráualó") que usa nome "civilizado". E sempre que diz isso o velho escancara a boca de poucos dentes em gargalhada característica.

Joaquim, que apesar de velho sustenta sua família trabalhando duro na enxada e no ancinho, roçando e limpando o chão no destacamento da FAB, revela, à sua maneira, o tipo de vida que os Karajá levam no Araguaia, sua pátria invadida e humilhada. Uns são "cachorro" de fazendeiro, outros de prefeito, outros de FUNAI, e outros de FAB.

TRÁGICO INDIGENISMO

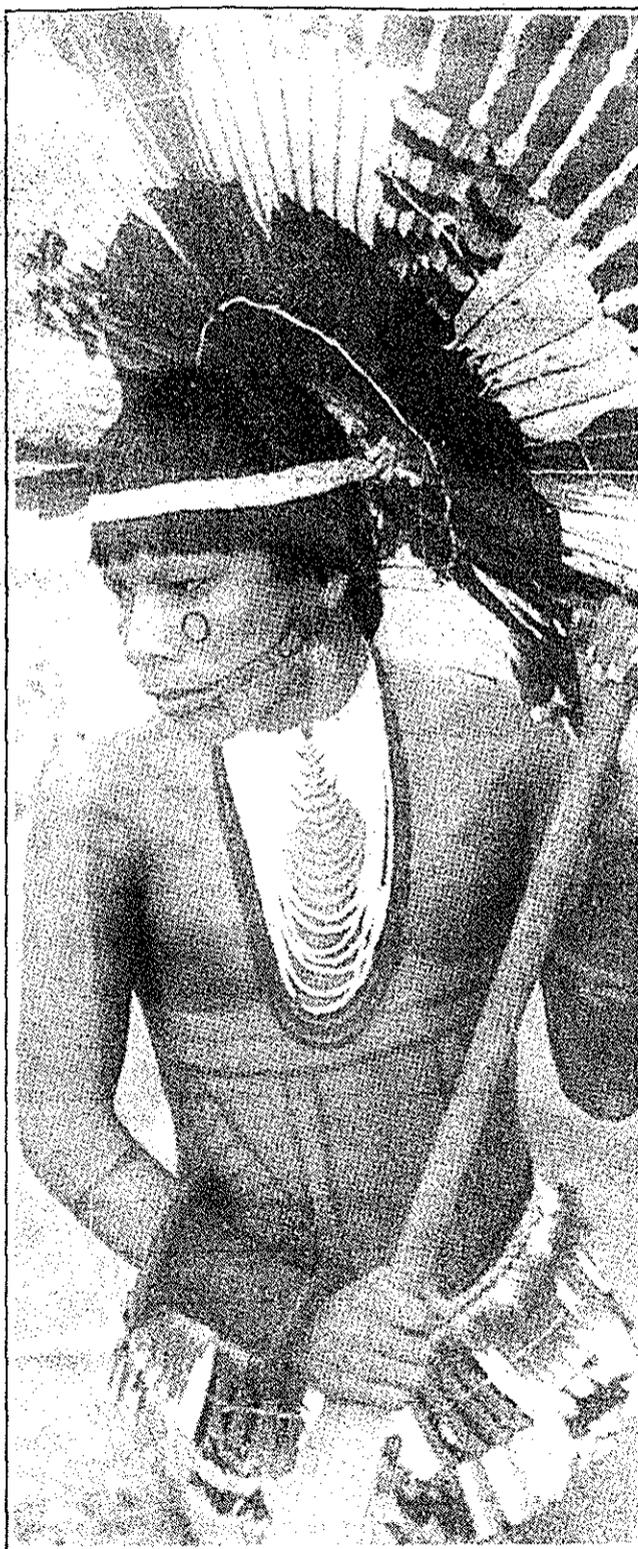
No início deste ano, em algumas aldeias a situação tendia a melhorar, sobretudo no que se refere à recuperação do orgulho e da consciência nacional Karajá. Desde 1º de julho, porém, a esperança dos Karajá e Javaé sofreu novo e duro golpe: os coronéis da FUNAI demitiram o diretor do Parque Indígena do Araguaia, o antropólogo Antonio Pereira Neto, e o chefe do PI Santa Isabel do Morro, Eduardo Almeida, que vinham procurando devolver confiança e estímulo aos índios, tentando recuperar o tempo perdido por anos de indigenismo desagregador praticado pela FUNAI, SPI, Fundação Brasil Central, FAB e outros órgãos menos votados. O retrato típico — e trágico — do indigenismo praticado entre os Karajá são os sumiços de índios bêbados, que provavelmente morrem afogados no Araguaia, atravessando da cidade matogrossense de São Félix para Sta. Isabel.

Mais tarde, dia 11 de agosto, os coronéis demitiram também a diretoria do Hospital do Índio (assim chamado...). Dra. Nair Tanaka, sanitarista que inaugurou na Ilha do Bananal um trabalho de saúde em que despontava um profundo respeito à medicina tradicional Karajá. Toninho (Antonio Neto) e Eduardo estavam entre os 21 demitidos por assinarem a carta de 16-6-80 ao ministro Mário Andreazza, denunciando irregularidades na FUNAI. Por se solidarizar com os companheiros da SBI é que Nair acabou demitida também.

Após alguma hesitação, a FUNAI acabou anunciando o novo administrador do Parque do Araguaia (salário de Cr\$ 80 mil): nada mais nada menos que o sargento Temponi (José Temponi, sub-oficial da FAB, comandante do destacamento-aeródromo de Santa Isabel do Morro), uma espécie de vice-rei outorgado do Médio Araguaia, um homem que tem mais de 10 anos na região e se tornou conhecido pela facilidade com que muda radicalmente seu comportamento, de uma cínica e risonha simpatia, à fabricação covarde de mentiras e "fofocas", a ataques de virulência contra índios e funcionários subalternos. Temponi, que se considera uma espécie de vigilante da Ditadura contra o "perigoso" dom Pedro Casaldáliga, "o comunismo" e outros fantasmas, aparentemente goza de grande prestígio no Ministério da Aeronáutica.

SAFARI DE TEMPONI

E não é para menos. Esse homem, que tem na sua ficha um espancamento de índio bêbado e doente mental (Behiro, em 1978), além de outras atitudes agressivas para com os índios, vinha nos últimos anos institucionalizando o safari de pesca no rio Vinte e Três, um dos piscosos cursos d'água da Ilha do Bananal. O safari do Temponi recebe, na temporada que vai de maio a outubro, dezenas de grupos de oficiais, inclusive adidos



Os Karajá, como se pode ver, estão sendo usados como objeto turístico.

militares estrangeiros (como os adidos aeronáuticos da França, por exemplo) para as predatórias pescarias de tucunarés e outros favoritos em pleno Parque Indígena. Para tanto, Temponi, dispõe de uma pick-up Rural-Ford preta, sem placa, que faz a logística das pescarias, um caso de alumínio estacionado no rio Vinte e Três, e um barco com todas as comodidades para passeios tu-

risticos, herdado, aliás, do Hotel JK, que agora também pertence à FAB, embora esteja dentro da terra do índio. E para que a FAB quer recuperar um hotel de luxo? Para rastrear satélite, como dizem? E a enorme câmara frigorífica da cozinha?

O safari e os desmandos não são novidade no Araguaia. Em 1977, Temponi já havia forçado a saída do sertanista Sidney Possuelo do PQARA, porque este foi contra o aumento da área da FAB em Sta. Isabel do Morro e porque, num determinado momento, se negou a ceder a lancha da FUNAI (a da FAB estava em reparos) para Temponi levar seus safaristas em passeios pelo Araguaia.

Com atitudes desse tipo, Temponi conseguiu que a FAB conduzisse a FUNAI na área. Chegaram inclusive a levar para o PQARA o desastroso coronel Bloise, um misto de palhaço, incompetente e ditador, que levou sofrimento a índios de várias regiões do Brasil nos oito anos em que esteve na Funai. Só que o cel. Bloise, um reformado da Aeronáutica, não foi muito bem aceito pelos Karajá, e, com poucos meses de Bananal, pediu para voltar à Delegacia de Governador Valadares, "perto do Rio de Janeiro", como ele próprio dizia.

Para quem conhece bem os Karajá, a preocupação e a expectativa agora são grandes. Pichados de "bêbados", "delinquentes", "insensíveis", e outros rótulos pejorativos no meio indigenista, os Karajá são, na verdade, um dos exemplos mais notáveis de resistência à perda da cultura tradicional e identidade étnica por parte de um povo. Trata-se de uma nação de língua e costumes bastante específicos: hoje os linguistas incluem sua língua no tronco Macro-Jê, mas esses índios ribeirinhos contrastam bastante com os Jê típicos do Brasil Central e Sul.

Habitados a práticas indigenistas repressivas (Francisco de Assis da Silva, atual administrador do Parque do Xingu, passou alguns anos no PQARA puxando o saco da FAB, dando tiros e trocando socos com índios) e paternalistas, os Karajá são mais um caso de povo desesperançado, e há quem diga até que o alcoolismo já foi absorvido pela cultura tribal, embora muitos Karajá sejam avessos ao álcool. Eles tem visto, sem poder impedir, a invasão sistemática de suas terras e suas praias, pelo latifúndio pecuarista, posseiros, turistas, mariscadores e até por um projeto absurdo, chamado "Projeto Bovinocultura", que, em outras palavras, significaria "FUNAI Agropecuária Latifúndio Grilado S. A.". Até o próprio sargento criava porcos, nas mãos de um invasor privilegiado, de nome Mundico Sabino; sendo que esses porcos destruíram roças de índios, que lutaram em vão por uma reparação dos prejuízos.

Mas, os Karajá não se entregaram. Assumem consciência cada vez maior do que estão passando e dá força que poderão adquirir no momento em que se unirem todas as aldeias e famílias espalhadas por mais de 500 quilômetros de Araguaia, desde Aruanã, em Goiás, até Conceição do Araguaia, no Pará. São mais de 15 sítios Karajá (incluindo os Javaé e Xambioá) ao longo do Araguaia, somando uma população de cerca de 1.500 pessoas. E os Karajá têm líderes capazes, que compreendem perfeitamente o drama que vive seu povo, o drama que vivem os povos indígenas no Brasil. Líderes como Maluaré (Hawalo), Ijaú (Macaúba) e outros, guardam dentro de si o sentimento e os segredos políticos da Grande Nação Karajá, e percebem a importância de abrir os olhos das novas gerações para a realidade. Não será surpresa o dia em que os vilões da FUNAI e todos os seus cúmplices se surpreenderem com um xeque-mate dos "Iny" (pronuncia-se grosseiramente "Iná" — nome que os Karajá se dão) em cima deles.